



TRABALHOS REUNIDOS 2

CONEXÃO DANÇA ALEMANHA-BAHIA

CORPONECTIVOS EM DANÇA

CARMEN PATERNOSTRO

Editoração

Adilson Passos

Editores

Carmen Paternostro e Lenira Rengel

Revisão e normalização

Lenira Rengel, Patrícia Ferreira e Tiara Rubim

Tradução

Raul Oliveira (textos de Norbert Servos e Yvonne Hardt)

Capa

AFDesign

Desenho da capa

Katharina Otte-Varolgil

www.katharina-otte.com

Seminário Conexão Dança Alemanha-Bahia (2013 : Salvador, BA).

Trabalhos reunidos 2 [do] Seminário Conexão Dança Alemanha-Bahia, Salvador, BA,
13 e 18 de agosto de 2013 / Organização, Carmen Paternostro. Salvador: UFBA, 2014.
120 p.

Realização : Corponectivos em dança.

ISBN 978-85-8292-024-4

1. Dança Congressos. I. Paternostro, Carmen. II. Universidade Federal da Bahia.
Escola de Dança. III. Título.

CDD - 792.8

CO-NECTAR

uma polinização no tempo

Helena Katz

Marilza Oliveira

Resumo

Conexão, co-nexo (nexos comuns), conectar, co-nectar. O texto propõe o entendimento de que conexões se estendem no tempo, para frente e para trás, e que isso ocorre porque o ato de co-nectar (ligar os néctares) poliniza. Chama a atenção para a necessidade de refazer conexões hoje dispersas, ligando o início da Escola de Dança da UFBA à Conexão Alemanha-Bahia que hoje começa. Para tal, apresenta o trabalho de Marilza Oliveira sobre Ossain com seus alunos da Escola de Dança da Funceb.

Palavras-chave

Conexão/Co-nectar; Conexão Alemanha-Bahia; Escola de Dança da UFBA, Ossain.

23



Co-Nect: A Pollination In Time

Abstract

Connection, co-nection (common nexus) connect, co-nect. The text proposes the understanding that connections are extended in time, forward and backward, and this is because the act of co-nexus (the linking of the nectars) pollinates. Draws attention to the need to redo scattered connections, bringing together the beginning of the School of Dance at Federal University of Bahia (UFBA) and the Connection Germany-Bahia that begins today through the presentation of the work of Marilza Oliveira on Ossain with students from the School of Dance of FUNCEB.

keywords

Connection/Co-nect; Germany-Bahia Connection; UFBA School of Dance; Ossain.

Embora seja ele que inicia tudo, nem sempre é por onde se começa. O título tem um papel estratégico, pois é um disparador de conexões sobre o que ainda não se leu/viu/entrou em contato. E é do título do evento que nos reúne (*Conexão Alemanha-Bahia, Quando as Ideias se Encontram*) que vou partir, separando-o em duas frações: uma dedicada à ‘Conexão’, e outra, ao ‘Alemanha – Bahia’.

Começemos pelo hífen entre Bahia e Alemanha do nosso título, situando-o no lugar no qual estamos agora, isto é, na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia – espaço de sabor único para abrigá-lo. Foi justamente aqui que a dança inaugurou um espaço próprio na Universidade brasileira, em 1956, na gestão do Reitor Edgar Santos (1946-1961). E esse espaço começou desenhando-se com esse hífen, que materializava o vínculo com a dança da Europa daquele tempo, a *Ausdrucksanz*, a dança-expressão. Essa dança se fazia presente na filiação à herança wigmaniana de Yanka Rudzka (1916-2008) e Rolf Gelewski (1930-1988), os dois primeiros diretores desta Escola. Assim se criava a primeira conexão Alemanha - Bahia envolvendo os mesmos protagonistas da que se refaz hoje.

Yanka, uma católica polonesa que estudara com Harald Kreutzberg (1902-1968), aluno de Mary Wigman (1886-1973), havia sido trazida em 1952 ao Brasil por Pietro Maria Bardi (1900-1999), que a convidara para fundar o Conjunto de Dança Expressiva do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo. Dois anos depois, pisou pela primeira vez em Salvador, enviada pelo jornal *Diários Associados* de Assis Chateaubriand, para fazer “pesquisa folclórica”. Sua aproximação com a cultura afro consolidou-se depois de aceitar o convite para dirigir a Escola de Dança (1956-1959), e pode ser conferida nos títulos de coreografias que criou nesse período, como “Águas de Oxalá” e “Candomblé” (RISÉRIO, 1995). Hoje, Yanka Rudzka dá nome

a um prêmio atribuído pela Fundação Cultural do Estado da Bahia. Quantas conexões foram necessárias até chegar ao prêmio que a perpetua em seu título?

Rolf Gelewski, alemão que se naturalizou brasileiro e morreu em Feira de Santana, chega a Salvador em 1960 para substituir Yanka e permanece até 1975 na Escola de Dança da UFBA. Aqui, cria o primeiro grupo universitário de dança do país, o Grupo de Dança Contemporânea, antepassado do grupo que vai estrear *Cabaça* também aqui, amanhã. Na nova produção, assinada por Gilsamara Moura e Carmen Paternostro, professora desta Escola que engrossou o hífen e produziu mais uma conexão quando fez da linhagem expressionista alemã nas artes da cena baiana o tema de seu doutorado. Em *Cabaça*, o GDC homenageia Walter Smetak no centenário de seu nascimento (1913-1984). Músico suíço trazido por Hans Joachim Koellreuter (1915-2005), outro elo alemão nesta profusão de conexões, para a Escola de Música da UFBA em 1957, Smetak contaminou a música brasileira, sobretudo via os tropicalistas e Marco Antônio Guimarães/Uakti, que, seguindo o mestre que o formou, criou uma oficina de instrumentos em BH. O Grupo Corpo dança composições de Marco Antonio Guimarães com o Uakti (*Bach, 21, Sete ou Oito Peças para um Ballet*). Caetano citou Smetak em 1972 na canção “Épico”. Quantas outras conexões se emaranham aí?

A esta altura, talvez já estejamos um pouco mais situados em relação ao pedaço do título que expõe o hífen e se refere à Alemanha-Bahia, para podermos perguntar: mas o que é uma conexão? Do latim *connexio, onis*, o mesmo substantivo ‘conexão’ designa uma forma de comunicação entre duas coisas e designa também o estado de algo estar ligado a outro algo. Ou seja, nomeia uma ação e um modo de existir.

Nossa proposta hoje é a de pensarmos a conexão não como um substantivo que designa uma coisa que acontece uma única



vez (no momento em que se estabelece, é apresentada, demonstrada). Vamos pensar conexão como um processo que acontece na duração do tempo, que se estende tanto para frente como para trás dos inícios, enlaçando e desenlaçando, aproximando o que não parecia ser aproximável e que, depois da primeira aproximação, não se estanca, continua se irradiando. Um processo que, uma vez iniciado, se sustenta em fluxos contaminatórios, não se finaliza.

Uma conexão que conecta. Co-nectar. Espalhar o néctar por aí, polinizando. Uma polinização de novos nascimentos, que vão se espiralando, se enovelando, e deixando as pontas de cada novelo por aí. Da conexão fundacional dessa escola com os expressionismos da Alemanha dos anos 1950, aos néctares curativos das ervas de Ossain, daquele que está em todas as liturgias, daquele que detém o *àse* (o *axé*), o poder de que todos os deuses precisam. Estando em todas as cerimônias, Ossain pode ser lido, ele mesmo, também como uma conexão.

O néctar de suas ervas co-necta com a vida quando afasta a doença com a sua cura. Ossain, uma conexão corpo-natureza-cultura-ciência-Salvador-Alemanha-África Atlântica-Escola de Dança-Funceb-nós, aqui reunidos para o início de outra continuidade dessas conexões. Ossain-Escola de Dança-Conexão Alemanha-Bahia espiralando hífans em todas as direções. Yanka Rudzka encontrando a África no corpo dos terreiros soteropolitanos que se irradiam para a UFBA, para o palco, encadeando polinizações irradiadoras, que nunca mais parariam de se produzir.

Em um momento específico de toda essa duração, estamos nós, aqui, co-nectados a esse fluxo e dando seguimento a conexões polinizantes que daqui se seguirão.

Os anéis-néctares de uma conexão-polinização não param de se espiralar

Não é segredo para ninguém que já tenha se interessado pelo assunto que as danças populares e as danças de palco, aqui no Brasil se conectam pela lógica da exclusão. Uma é do domínio dos amadores, enquanto a outra, apenas os profissionais praticam. Existe toda uma relação entre cultura letrada e cultura oral permeando, entre nós, esse tipo de conexão.

Quando o desconhecimento é muito vasto, as abordagens, quando acontecem, correm o risco de serem anacrônicas, justamente por não acompanharem o desenvolvimento do campo ao qual não estão atadas. Hoje, 15 de agosto de 2013, vive-se essa situação aqui, na cidade de Salvador. E o que vou propor, é que desenhemos juntos mais um anel na conexão Alemanha-Bahia, começando lá no que sucedeu com o início desta escola, quando Yanka Rudzka se aproxima das danças dos orixás. O que poderia parecer como um início de vínculos que se desdobrariam ao longo do tempo, desenhou-se com muito mais frequência na forma de um contato intermitente, com permanente produção de invisibilidade.

O objetivo não é o de traçar a história do anelamento entre as conexões por contato ou por ausência de contato que aqui ocorreram desde então. O que me proponho a fazer é apresentar a vocês o trabalho de uma artista e professora. Minha hipótese é a de que se conseguirmos olhar para o tipo de conexão que Marilza faz naquilo que pesquisa – as danças de orixás – nós poderemos perceber que as conexões, uma vez postas no mundo, seguem mesmo os seus próprios percursos, tal como se aprende com os teóricos evolucionistas. Interessada na cultura destas danças, Marilza as propõe fora da moldura religiosa. Transgride,

abrindo outra conexão entre a África Atlântica, a Bahia e o ensino da dança.

Sua ação, para além de outros méritos, propõe-se como uma reflexão sobre a conexão colonizador-colonizado na ligação Salvador-África Atlântica, se apresentando na forma de uma resistência. Ouçamos Marianna Monteiro (2011):

As questões suscitadas pelo encontro entre a cultura portuguesa e as culturas africanas puseram em evidência processos homogeneizadores anteriores à constituição da ideia de nacionalidade, que, extrapolando as divisões étnicas e raciais, difundiram nos múltiplos folguedos brasileiros formas cristalizadas de operar com a dualidade colonizado-colonizador, constituindo-se em técnica de resistência cultural que se mantém atuante até hoje em planos muito diversificados da cultura e da sociabilidade, nas mais profundas camadas da mentalidade popular. (MONTEIRO, 2011, p. 227)

Começamos com o hífen da conexão Alemanha-Bahia de 1956, entendendo que o néctar que já estava lá continuou a polinizar, mesmo intermitentemente, a conexão Bahia-África Atlântica, que Yanka Rudzka inaugurou na Escola de Dança da UFBA, e que agora pode ser reconhecida no que Marilza Oliveira realiza quando traz Laban, elo com a Alemanha, para a relação com a África Atlântica que pedagogiza na Escola de Dança da Funceb. Quantos co-néctares temos aí?

“Dança afro-brasileira com inspiração na mitologia dos orixás” (texto introdutório de Marilza Oliveira, lido enquanto seus alunos e os tambores preparavam o ambiente para a apresentação do seu trabalho)

Os tambores, originalmente conhecidos como Ngoma, são fundamentais na aula de dança afro-brasileira por estabelecerem o elo entre o passado e o presente, mantendo laços simbólicos

de parentesco com a África distante. Mais resistentes ao tempo que qualquer palavra ou canto, os padrões rítmicos percussivos atualizam-se a todo instante pelas mãos que tocam e pés que dançam, despertando memórias e sentidos.

Propor uma nova abordagem acerca da dança afro-brasileira com inspiração na mitologia dos orixás é pensar na elaboração expressiva do movimento, na construção de valores, afirmação da identidade/ancestralidade e, principalmente, de uma consciência planetária, estabelecendo conexões com a contemporaneidade.

A partir da escolha do Orixá e seu elemento regente (que inspira o estudo teórico-prático), inicia-se a pesquisa sobre ações e esforço, de acordo com o que o Sistema Laban de Movimento propõe. O objetivo principal é o de aproximar a qualidade de movimento com o arquétipo sugerido pelo orixá. Fazer conexões.

Compreender a história individual de cada um, respeitando o seu tempo de construção do conhecimento, provocando no/na aluno/a o interesse em vivenciar o movimento muitas vezes. Não adianta somente entendê-lo no pensamento: é preciso repetir, pois é na repetição consciente e sensível que o movimento amadurece e passa a pertencer a cada um, tornando-se expressivo e repleto de significados.

Os quatro pilares da educação do século 21, propostos por Jacques Delors (1999), colaboram para nortear a organização das atividades práticas. Aprendendo a caminhar: sendo, convivendo, fazendo, e conhecendo - essas quatro atividades apontam para o desejo de encontrar um modo de abordar a dança afro-brasileira fazendo da mitologia dos orixás o seu elemento inspirador e de pesquisa. Pensando na possibilidade de descobrir uma conexão entre a história que está escrita nos corpos e a história que os corpos, apesar de toda a repressão ocorrida, não podem negar. Que cada um de nós interprete o aprendizado e o expresse como quiser, como puder, e no seu tempo. Cada um é único, exclusivo,

e dotado de uma capacidade enorme de aprender, e, portanto, de ensinar e transformar.

A relação com o saber é relação com o tempo. A apropriação do mundo, a construção de si mesmo, a inscrição em uma rede de relações com os outros – “o aprender” – requerem tempo e jamais acabam. Esse tempo é de uma história: da espécie humana, que transmite um patrimônio a cada geração; da linhagem que engendrou o sujeito e que ele engendrará. Esse tempo não é homogêneo, é ritmado por “momentos” significativos, por ocasiões, por rupturas; é o tempo da aventura humana, a da espécie, a do indivíduo. Esse tempo, por fim, se desenvolve em três dimensões, que se interpenetram e se supõem uma à outra: o presente, o passado, o futuro. (CHARLOT, 2000, p.78)

Vale lembrar ainda, para colocar mais um elo nestas conexões, da Lei 11.645/08, a fim de estimular reflexões sobre o espaço da dança negra na nossa cidade em termos artísticos, educacionais e políticos, propondo estratégias de mobilização e motivação que atinjam os envolvidos no processo. Para respeitar as diferenças, abrindo espaço para as individualidades, sabendo usar da comunicação para ensinar falando e aprender ouvindo – isso é de extrema importância. Sugerir ações que provoquem no estudante o exercício da sua autonomia, pensando no processo de ensino-aprendizagem como algo que se estende além da sala de aula, torna-se uma proposta que converge com a ideia de uma dança que ultrapasse os muros fincados na repressão, no preconceito, e entre na vida, resgatando histórias, resgatando valores.

(a luz foi diminuindo e, nesse momento, estamos no escuro, com a dança já começando).

Referências bibliográficas

- BARROS, José Flávio Pessoa de. *Ewé Órisà: uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de candomblé jêje-nagô*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber* Elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- DELORS, Jacques. *Quatro pilares da educação*. Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Unesco, 1999.
- LODY, Raul. *O povo do Santo: religião, história e cultura orixás, voduns, inquices e caboclos*. Rio de Janeiro: Pallas, 1995.
- MONTEIRO, Mariana. *Dança popular – espetáculo e devoção*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- MORIN, Edgard. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2002.
- RISÉRIO, Antônio. *Avant-Garde na Bahia*. Salvador: Editora Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1995.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. Orgs. *Epistemologias do Sul*. São Paulo, Cortez Editora, 2010. p. 31-83.

Sobre as Autoras

Helena Katz, professora da PUC-SP, coordenadora do CED-Centro de Estudos em Dança e crítica de dança do jornal O Estado de S. Paulo. katz@ced.pro.br

Marilza Oliveira é licenciada em dança pela escola de Dança da UFBA. Professora e pesquisadora nos Estudos de Dança Afro-Brasileira com inspiração na mitologia dos orixás no curso técnico em Dança e preparatório da Escola de Dança da FUNCEB e Rede Municipal de Ensino. Atua também como coreógrafa nas áreas de teatro e música e dirige a Cia Jovem de Dança da Escola de Dança da FUNCEB. mariolli@hotmail.com

